

ZAPATISMO: REBELDIA CONSTRUINDO AUTONOMIA. GUERRA DE POSIÇÕES E CRIAÇÃO POLÍTICA EM TEMPOS DE BIOPOLÍTICA?

Leandro Marcelo Cisneros

Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas
Universidade Federal de Santa Catarina
leo_cis@yahoo.com.br

Paulo José Durval da Silva Krischke

Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas
Universidade Federal de Santa Catarina
paulo.krischke@gmail.com

Resumo

Esse trabalho apresenta meu projeto de tese de doutorado e os estudos exploratórios iniciais. Nesses estudos sobre o fenômeno do Zapatismo no México, indago sobre o conteúdo de *dignidade e rebeldia*, na atitude de *resistência* no contexto de *biopolítica*, nos perguntando se as ações políticas orientadas por essa atitude podem ser entendidas como a *criação* de outra maneira de fazer *política*. Para isso, concentro minha atenção em apenas uma estratégia desenvolvida pelos rebeldes: *A Outra Campanha*.

Palavras-chave: Zapatismo; Outra Campanha; autonomia.

Abstract

This paper presents my doctoral thesis project and the initial exploratory studies. In these studies about the phenomenon of Zapatismo in Mexico, I inquired about the contents of *dignity* and *rebelliousness*, in an attitude of *resistance* in the context of *biopolitics*, wondering if political actions directed by this attitude can be understood as the *creation* of another way of doing *politics*. For this, I focus my attention on just one strategy developed by the rebels: *The Other Campaign*.

Key-words: Zapatism, Other Campaign, autonomy.

Introdução

Em 1º de janeiro de 1994 o mundo recebia a notícia de que no sudeste do México, num ignoto estado chamado Chiapas, um grupo de indígenas, encapuzados, organizados com disciplina, treinamento, graus, autoridades e estratégias militares, autodenominados Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), dominaram seis municípios e, respeitosos da Convenção de Genebra, fizeram alguns reféns. Amparados no art. 39 da Constituição mexicana, lançaram a primeira de seis declarações, conclamando aos poderes Legislativo e Judiciário a “urgente instalação de uma ordem política mais justa e democrática” (EZLN, 1993). A primeira vista, parecia uma tardia experiência de guerrilha à moda dos anos sessenta, no entanto, a intenção publicamente declarada, que ações posteriores confirmaram, não era a de assumir o governo por via da força. Sua intenção era a de chamar a atenção e dizer: “Basta!” Suas reivindicações eram explícita e concretamente: “trabalho, terra, moradia, alimentação, saúde, independência, liberdade, democracia, justiça e paz” (EZLN, 1993). Seis meses depois dessa aparição em público, os mesmos que se apresentaram ao mundo tomando as armas contra o governo federal, organizados no Comitê Clandestino Revolucionário Indígena (CCRI) e o EZLN convocaram “aos setores honestos da sociedade civil para um diálogo nacional pela democracia, a liberdade e a justiça para todos os mexicanos” (CCRI-EZLN, 1994), para aprofundar a luta civil e política pela democratização.

A autodenominação dos insurrectos explícita a tradição à qual se remetem e que desejam manter vigente, isto é, as lutas da Revolução Mexicana no começo do século XX, particularmente inspirados pelo tipo de liderança de Emiliano Zapata.

A perplexidade que esses fatos criaram, acrescentou-se ainda mais com a apresentação do porta-voz oficial desses índios. O encapuzado que chamam de Subcomandante Insurgente Marcos (SCI Marcos) falava espanhol e podia se comunicar com jornalistas de outros países, capaz de analisar a realidade mexicana e mundial com o rigor teórico de um cientista social e com profundo conhecimento da história do seu país e dos principais processos políticos mundiais, com cultivado estilo de escrita e com um perspicaz uso da ironia. Seu singular uso da palavra, não apenas retórico, trouxe uma consistente crítica teórica à versão do mundo elaborada pelo neoliberalismo global. Desde os confins da floresta chiapaneca, essa crítica contrariava explicitamente o senso comum sobre as bondades dessa globalização e a validade da tese sobre o “fim da história”, que tinha conquistado hegemonia no *establishment*.

O fenômeno é um complexo processo, com mudanças significativas a partir do diálogo com as comunidades indígenas e a sociedade civil nacional e internacional, a princípio, sem renunciar aos objetivos iniciais; sem se constituírem em partido político, sem disputar

eleições, pretendendo manter vigentes os mesmos princípios éticos e, sobretudo, o princípio da autonomia política.

As repercussões que teve a aparição do EZLN na vida social e política mexicana nos leva a perguntar se estamos perante mais uma infundada fantasia épica ou se estamos presenciando novas possibilidades para a construção de outros processos sociais e políticos, que enfatizariam a atitude de *resistência* e de *criação política*. Nesse sentido, entendemos que a expressão *dignidade rebelde* é mais que uma autodenominação, pois pressupomos que ela pode ser uma categoria que explicita o conteúdo normativo para a construção de uma política que visa à *autonomia*, não o separatismo. Essa perspectiva, se confirmada, ofereceria para nossa pesquisa alguns elementos interessantes de conteúdo filosófico, sócio-político, ético e estético,¹ que nos permitiriam outra compreensão da política latino-americana.

Hipóteses da pesquisa

Para uma compreensão o mais objetiva e direta possível, apresentamos de forma esquemática as hipóteses que orientam essa pesquisa:

Dentro das atuais *relações de poder*,² possivelmente a noção de *biopolítica*³ nos permita uma boa interpretação do fenômeno do Zapatismo.

O tipo de ação política do Zapatismo visa à sociedade civil e sugere uma opção pela *guerra de posições*, para sentar bases para a criação de um novo *bloco histórico*, via uma *revolução passiva*.

A *Outra Campanha*, provavelmente, seja expressão dessa *dignidade rebelde* e permita entender, tanto uma particular maneira de *resistência* aos bio-poderes, como de *criação* de *política*, definindo uma *estética da existência* a partir do princípio da *autonomia*.

Possivelmente o diálogo entre perspectivas teóricas diferentes como a de Foucault⁴, Gramsci⁵ e intelectuais latino-americanos⁶ exprima mais adequadamente o que há de próprio na política zapatista. Isto constitui um desafio interdisciplinar.

¹ Na Secção 3 explicitarei o sentido da noção de estética.

² Não em termos de soberania, como “poder de fazer morrer e deixar viver”, mas como bio-poder que “faz viver e deixa morrer” (Foucault, 1995: 166-9; 1999: 287 e ss).

³ Esta noção será desenvolvida resumidamente na Secção 3 e, além da proposta original de Foucault, para esta pesquisa também serão consultadas as mais recentes re-elaborações e aprofundamentos sobre essa noção, apresentadas por pensadores, como Giorgio Agamben, Roberto Espósito, Maurizio Lazzarato e Peter Pál Pelbart. Nessas interpretações serão analisadas as possibilidades de resistência e criação da existência perante a iminência dos bio-poderes contemporâneos, dominando a vida.

⁴ E outros, como já mencionamos na Nota Nº 3.

⁵ E outros como José María Aricó, que permitam entender sua recepção na América Latina.

⁶ Sendo o SCI Marcos apenas um deles.

Justificativa do projeto

Entendemos que o estudo do fenômeno do Zapatismo é relevante porque oferece elementos de análise para conjecturar sobre uma possível nova perspectiva para redefinir e reconstruir relações políticas e sociais nos países latino-americanos no contexto de calamidades estruturais da globalização neoliberal. Só para citar alguns exemplos disto, consideremos a absurda concentração de riqueza e lucros, junto à espantosa multiplicação e aprofundamento da pobreza e precarização da existência da maioria da população mundial. Hoje, conferimos níveis de exploração semelhantes aos existentes no início da era industrial e nada parecidos às farturas prometidas pelo transbordar em cascata desde o topo da pirâmide da renda e da riqueza, prometida pelas teorias liberais. Assim, assistimos ao horror de milhões de trabalhadores errantes pelo mundo sem qualquer condição de segurança social e, junto a esse pesadelo, a escandalosa convivência entre mercados financeiros, partidos políticos, governos e organizações criminosas (Marcos, 1997). Como já dito, entendemos que a proposta zapatista não se esgota no interior das fronteiras mexicanas, antes bem, ela oferece elementos para pensar a realidade em outros países latino-americanos. Temos a impressão de que poderíamos estar perante outro tipo de respostas para políticas cujo conteúdo democrático se baseie mais nos processos efetivos de ampla participação social na construção de legitimidade, em vez da aposta na mera regularidade de mecanismos institucionais abstratos que garantam a concorrência de grupos pelo monopólio da dominação política.

Assim, vemos que o fenômeno evidencia certa relevância em si mesmo, a qual fica reforçada, se consideramos que se trata de uma realidade que também nos afeta de uma ou de outra maneira. Portanto, consideramos importante que nós, enquanto intelectuais latino-americanos, que vivemos as desventuras desses processos em nossos países, dediquemos esforços para compreender essa realidade. Nesse sentido, os que participam no Zapatismo oferecem análises e reflexões a partir de experiências no seio desses conturbados contextos. Com isto, não sugerimos o retorno a posições nacionalistas ou regionalistas ou qualquer tipo de fundamentalismo de *retorno à origem*, mas, sim, consideramos importante que alarguemos nosso leque de referências e nos permitamos considerar outros pensadores, embora não sejam os consagrados por tradições acadêmicas europeias ou norte-americanas. Por isso, entendemos que o SCI Marcos, entre outros, é um desses pensadores.

Essa preocupação tem a ver com a adequada valorização de outras maneiras de pensar a realidade latino-americana, destacando o olhar de quem a vive no seu dia-a-dia, elaborando categorias autóctones *nela* e *a partir dela*. Mas também tem a ver com a importância que damos à voz dos próprios sujeitos protagonistas desses processos. Entendemos que é

importante poder encaminhar pesquisas que permitam o aparecimento dos discursos e diversas manifestações d@s protagonistas.

Finalmente, consideramos importante o estudo do fenômeno do Zapatismo, porque ele é pouco conhecido e pouco divulgado no Brasil, o que chama nossa atenção. Entendemos que essa é uma questão a ser pensada, especialmente no âmbito da universidade pública. Além disso, consideramos que esse estudo e debate pode permitir aprofundarmos nosso conhecimento de alguns processos da América espanhola, o que, por sua vez, pode subsidiar na construção da integração latino-americana. Por isso propomos esta pesquisa com o intuito de contribuir para essa aproximação.

Objetivos da pesquisa

Em termos gerais, pretendemos explorar o conteúdo sócio-político-ético-estético da proposta zapatista, especificamente no que diz respeito à construção da *autonomia* envolvendo a *sociedade civil*, entendida como uma determinada *estética da existência*, ancorada em políticas culturais que vão além da institucionalização da vida, que el@s caracterizam como *dignidade rebelde*.

Mais especificamente, propomos analisar algumas práticas zapatistas para definir o que eles entendem por *autonomia* e *bom governo*, pontualmente através de uma das estratégias por el@s proposta e desenvolvida, para interferir sistemática e intencionalmente na articulação da sociedade civil: *A Outra Campanha* e a *Comissão Sexta* do EZLN.

Assim, em termos de teoria, procuramos aproximar as categorias de *biopolítica*, *biopoder*, *resistência*, *estética da existência*, *cuidado de si*, *governabilidade* propostas por Foucault e as de *sociedade civil*, *bloco histórico*, *bloco intelectual*, *intelectual orgânico*, *guerra de posições*, *hegemonia*, *revolução passiva* segundo Gramsci, para um diálogo que nos permita compreender o Zapatismo e a realidade latino-americana do século XXI.

A partir disso, gostaríamos de avaliar se efetivamente há novidade significativa nas práticas políticas zapatistas e considerar se há contribuição efetiva dos zapatistas para o pensamento latino-americano.

Revisão de literatura

Segundo Boron (2000a), desde os anos setenta, acontece uma reorganização⁷ da política, a partir dos objetivos, agenda, prazos e estratégias do capitalismo, liderado fundamentalmente pelos setores do capitalismo financeiro. Este fenômeno é hoje bem

conhecido como globalização neoliberal. Nesse marco geral, Boron percebe, por um lado, uma gritante defasagem entre a transformação das instituições econômicas e financeiras e as instituições políticas dos *capitalismos democráticos*⁸, processo que aconteceu com dinamismo e eficácia nas primeiras, não sendo o caso das segundas, ficando estas como obsoletas.

Esse descompasso entre as instituições transformou-se num desequilíbrio⁹ entre elas. Além disso, também observa uma nunca antes vista expansão dos mercados; ao mesmo tempo em que se produzia uma inédita mercantilização da vida social. Isso contribuiu com o desequilíbrio entre as instituições do Estado, as condições da vida social e o mercado. Este último cresceu à custa dos outros dois. A consequência mais direta é que nas sociedades latino-americanas há uma redução dos espaços públicos em benefício dos espaços privados.

Portanto, Boron se pergunta pelas possibilidades reais de convívio e compatibilidade entre os mercados e a democracia, pois, situações e condições, antigamente consideradas como direitos, agora são mercadorias vendidas no mercado como qualquer outra – a educação, por exemplo-, só que são uns poucos oligopólios os que assumem essa tarefa.

Então, a pergunta é: por acaso, seria possível reconciliar esta escalada de crescimento dos mercados com a preservação da democracia? Segundo Boron, há contradições que dificultariam esse casamento (Boron, 2000a: 105). Essa análise abona a tese de uma plausível desconfiança na suposta e tão difundida harmonia entre os mercados e os sistemas democráticos (Boron, 2000a).

Nessa reorganização do tabuleiro político internacional, o autor também chama nossa atenção para o surgimento de um novo tipo de atores políticos, que possuem um extraordinário peso econômico e social na hora de definir políticas de alcance mundial. Por este motivo, são atores de primeira ordem. Boron se refere à conformação de aglomerados de gigantescas empresas transnacionais, que ele batizou como *novos leviatãs* da política (*Ibid*: 117). Paralelamente a esse fenômeno, a atual situação dos sistemas democráticos nas sociedades latino-americanas se caracteriza por ser: a) democracias corroídas pela pobreza; b)

⁷ E nós perguntamos mais incisivamente ainda: não seria o *fim da política*?

⁸ Boron prefere essa expressão à tradicional denominação de *democracia burguesa*, pois entende que define com maior fidelidade o significado desse tipo de organização, pois entende que explicita mais claramente a relação entre a forma de organização do poder social no espaço público e a inseparável estrutura econômico-social sobre a qual dito poder se sustenta, sem ocultar nem neutralizar a característica intrinsecamente antidemocrática da sociedade capitalista (Boron, 2000c: 162-3).

⁹ As instituições democráticas que nasceram no século XVIII, com algumas superposições próprias da primeira metade do século XX, não se beneficiaram das vantagens das revoluções tecnológica e científico-técnica das que usufruíram as instituições econômicas. As instituições econômicas experimentaram mudanças extraordinárias, acompanhando as que aconteciam nos mercados e nas classes sociais: os mercados se tornaram oligopólicos e de escala planetária; a partir das novas tecnologias, a velocidade de circulação do capital é de uma celeridade nunca antes conhecida, o qual acentuou e revalorizou seu caráter especulativo (Boron, 2000a: 118-20).

com uma acentuada divisão social entre um pequeno grupo de indivíduos muito ricos e uma imensa maioria de sujeitos muito pobres; c) suas instituições políticas estão em crise, quando não em dissolução; d) fortemente marcadas pela corrupção política, a indiferença governamental perante as demandas da população; e) o desencanto da cidadania. Como podemos ver, a situação é muito delicada e nos leva a pensar como é possível que a organização e o funcionamento democráticos aconteçam em condições como estas (*Ibid*: 114).

Dentro desse quadro complexo, ainda devemos analisar o mecanismo que tem sido consagrado como “o” procedimento que vai nos garantir a democracia: o voto popular. Assim, a pergunta é: em que posição fica o cidadão, em tanto suposto suporte de um regime político, que em países como os nossos, no caso de ter a possibilidade de votar regularmente, o cidadão da América Latina o fará de dois em dois anos, sem grandes chances de alterar radicalmente a realidade já existente? (*Ibid*: 114-5).

Segundo as circunstâncias descritas, fica suspeita a possibilidade de construir uma autêntica democracia. Então, a pergunta que surge é: até que ponto é democrático um Estado que se permita uma desigualdade dessa magnitude no exercício dos direitos políticos, quando há aqueles que votam todos os dias, conseguindo que suas preferências se traduzam em políticas governamentais? (*Ibid*: 115).

As grandes firmas transnacionais são esse pequeno grupo de privilegiados que votam todos os dias e que se mostram indiferentes à sorte de cada país no qual operam.

Essa análise, talvez, sugira uma leitura um tanto apocalíptica. Mas, independentemente das expectativas do autor, achamos que ajudam a colocar com clareza a seriedade e gravidade da situação, para poder dar uma resposta à altura.

No entanto, dentro da tradição marxiana, achamos que reflexões provenientes dos estudos de Antônio Gramsci podem nos subsidiar de maneira mais específica para nos aprofundarmos com mais detalhe nas questões aqui propostas a serem pesquisadas.

Nesse sentido, concordamos com Hugues Portelli (1977) em enfatizar que Gramsci *completa* as teorias de Marx (*Ibid*: 123), em especial, e de central importância para nossa tese, a partir do seu diálogo e contribuições pessoais a respeito das categorias de *sociedade civil*, refinando a interpretação sobre a mesma, trazendo a tona o duplo significado que essa categoria tem já em Hegel na *Filosofia do Direito*, reconhecido por Marx em *A ideologia alemã* e *Crítica ao Programa de Gotha*, concebida por Gramsci como “o conjunto dos organismos, vulgarmente ditos *privados* que correspondem à função de hegemonia que o grupo dominante exerce em toda a sociedade” (*Ibid*: 20 e 22). Ela se caracteriza pela complexidade do conjunto, que tem a *vocação de dirigir* todo o bloco histórico. Isso implica

que ela “adapta seu conteúdo, segundo as categorias sociais que atinge”, podendo ser considerada sob três aspectos complementares: “como ideologia da classe dirigente [...] como concepção de mundo [...] como direção ideológica da sociedade” (*Ibid*: 19-24).

Esse debate com Marx também oferece contribuições na concepção e estudo da relação/articulação entre *estrutura* e *superestrutura*, reconhecendo a existência de um *vínculo orgânico* entre ambas que permite entender melhor a constituição, evolução e possível superação do *bloco histórico hegemônico*. Organicidade que é definida por Gramsci como a “necessidade de o movimento superestrutural do bloco histórico evoluir nos limites do desenvolvimento da estrutura, mas também, mais concretamente, como a obra dos grupos sociais encarregados de gerir as atividades superestruturais”. Esse vínculo “se traduz concretamente [...] e] é assegurado pela camada social encarregada de gerir a superestrutura do bloco histórico – os intelectuais”. Formulado dessa maneira, Gramsci oferece a vantagem de podermos visualizar esse vínculo orgânico de forma concreta e não somente teórica. (*Ibid*: 47-49). Nas palavras de Gramsci:

“[...] Cada grupo social, surgido de um terreno originário de uma função essencial do mundo da produção econômica, cria, ao mesmo tempo que a si próprio, uma ou várias camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência de sua própria função, não somente no plano econômico, mas também no plano social e político.” (Gramsci, 2009: 9)

Cabe acrescentar uma última observação a respeito deste ponto, que diz respeito da concordância com Marx sobre os elementos que constituem o bloco histórico, mas em desacordo na hora de valorar ambos os momentos. Para Gramsci não há primazia de um sobre o outro, pois “a relação entre esses dois momentos do bloco histórico é uma relação dialética entre dois momentos igualmente determinantes: o momento estrutural, pois ele é a base que engendra diretamente a superestrutura [...] e] O momento ético-político [...] desenvolve a consciência de classe”. Portelli afirma que essa discussão sobre a primazia de algum desses momentos tem mais a ver com as leituras feitas de Marx que com a interpretação de Gramsci, portanto, tem sido um “falso problema”, pois “a relação entre esses dois elementos é, ao mesmo tempo, dialética e orgânica” (*Ibid*: 54-57).

Com isso, enfatizamos mais uma vez a necessidade de considerarmos a centralidade da categoria de *bloco histórico*, para dar atenção privilegiada a esse vínculo orgânico entre estrutura e superestrutura, por concordarmos em que “é o nó do bloco histórico” (*Ibid*: 123).

Gramsci entende que esse foco no estudo do papel dos intelectuais é de central importância, porque:

“[...] Se a relação entre intelectuais e povo-nação, entre dirigentes e dirigidos – entre governantes e governados -, é dada por uma relação orgânica, no qual o sentimento-

paixão torna-se compreensão e portanto saber (não mecanicamente, mas de forma viva), é somente então que a relação é de representação e que produz o intercâmbio de elementos individuais entre governados e governantes, entre dirigidos e dirigentes, isto é: que se realiza a vida conjunta que, só ela, é vida social; cria-se o bloco histórico.” (Apud Portelli: 83).

Dito dessa maneira, Gramsci não apenas considera a importância daqueles “grandes intelectuais”, como se entende corriqueiramente. Pelo contrário, ele analisa o que concebe como uma “categoria social” que são explicitamente os “agentes, os funcionários da superestrutura”, cujas funções específicas podem ser consideradas sob três aspectos: “o vínculo orgânico entre o intelectual e o grupo que ele representa e sua função no seio da superestrutura; as relações entre intelectuais do bloco histórico e os do antigo sistema hegemônico (intelectuais tradicionais); a organização interna do ‘bloco intelectual’ no seio do bloco histórico” (*Ibid*: 83-84).

Assumimos, junto a essa leitura de Gramsci, que os *intelectuais* são um fator chave para entender esse *vínculo orgânico*, para ponderar a “estratégia das classes subalternas” (*Ibid*: 124).

Outro aspecto que mostra a herança do pensamento de Marx é a preocupação teórico-prática de orientar seus estudos para ver as condições e possibilidades concretas de construção e consolidação de um “novo bloco histórico”, considerando quais seriam as condições de uma “crise estrutural” dentro do bloco histórico dominante, analisando as possibilidades estratégicas das classes subalternas dentro da luta de classes, como por exemplo, a *guerra de posições* e a *guerra de movimentos* (*Ibid*: 103-121). Sem dúvida alguma, estas considerações são de singular relevância para nosso estudo.

Nessas reflexões, Portelli afirma que Gramsci também é herdeiro e continuador das teorias de Lenin, analisando como aconteceu o processo revolucionário nas “sociedades orientais pré-capitalistas”, nas quais, na leitura de Gramsci se justifica um papel central outorgado ao “aparelho de Estado, à ditadura do proletariado, ao aspecto militar e centralidade do partido” (*Ibid*: 123).

Essas considerações são de grande importância para nossa tese, porque segundo Portelli, é a partir dessa comparação entre processos revolucionários no *Oriente* e nas sociedades ocidentais, pontualmente, as revoluções burguesas na França e na Itália, que Gramsci estabelece importantes distinções e especificidades, que justificarão o papel chave outorgado aos intelectuais, o bloco intelectual e a guerra de posições nas sociedades ocidentais, nas quais o Estado é uma “trincheira avançada” numa “guerra de trincheiras” (*Ibid*: 38), justamente em “Estados mais avançados, em que a *sociedade civil* tem se

convertido numa estrutura muito complexa e resistente às *interrupções* catastróficas do elemento econômico imediato” (Gramsci, 2003: 81).

Pelo dito, entendemos que essa perspectiva nos oferece instrumental adequado para entender nuances e detalhes do fenômeno do Zapatismo na sua relação com o Estado Mexicano no contexto do neoliberalismo global.

Assim como Gramsci percebeu a necessidade de repensar e introduzir novos elementos às teorias marxianas a partir dos desafios propostos pela realidade contemporânea a ele, essa dica pode ser de grande ajuda para nosso trabalho. Isto, porque estamos nos propondo pensar um fenômeno diferente dos que ele analisou, além das mudanças que têm acontecido ao longo do século XX e nesta primeira década do XXI.

Para isso, também consideraremos reflexões de pensadores contemporâneos, que não assumem a simples função de acólitos em qualquer confraria marxista, mas também não desdenham as contribuições da tradição marxiana, como é o caso de Benjamín Arditi. Este pensador paraguaio, radicado no México há muitos anos, nos propõe ensaiar pensamentos que “exploram formas de pensar e de fazer política em áreas cinzentas, onde os pressupostos liberais são questionados e onde o encontro entre esses pressupostos e seus desafiantes ‘outros’, criam formas de política híbrida” (Arditi, 2009: 15).

Seguindo o que Deleuze e Guattari entendem como *devir minoritário*, Arditi aponta àqueles que se tornam *nômad*s, ou seja, àqueles que “se afastam da ordem existente, sem ir para outro lugar, sendo parte da sua periferia interna”. Dito em outras palavras, a *periferia interna* refere-se a fenômenos nas bordas, cuja permanência no território da política liberal só é possível de decidir se a entendemos como, pois os fenômenos que formam parte dessa periferia interna confrontam o liberalismo como seu *impensável* (*Ibid*: 20).

Esses hibridismos têm a ver com práticas e ações políticas que já não se regem pelos princípios das grandes narrativas da modernidade, portanto, assentam-se no questionamento a qualquer tipo de *fundamento último*, isto é, aceitando que as posições políticas se constroem na *contingência* dos processos de *identificação* que rejeitam referentes de tipo essencialistas, configurando o que ele chama de *identidades metaestáveis* (*Ibid*: 34-37).

No entanto, Arditi também chama nossa atenção para os riscos teóricos e político-práticos de não termos a cautela suficiente para avaliar devidamente os limites da reivindicação da diferença que procura nos predispor de maneira mais sensível à *micropolítica*, à *particularidade* e ao direito a ser diferente, temas que têm assumido um papel fundamental na configuração do imaginário dos novos movimentos sociais (*Ibid*: 21).

Essa advertência se justifica pelas complicações teóricas e práticas de aceitarmos certas premissas pós-modernas em termos absolutos. Assim, Arditi analisa o que ele chama de *reverso do estranhamento e reverso da multiplicidade* (*Ibid*: 56-68), como as consequências não previstas e não desejáveis das políticas que não aceitam qualquer tipo de *universalismo*.

Nesse sentido, o autor nos propõe reflexões muito sugestivas, para pensar os universais a partir da *contingência do referente*, aceitando o caráter *indizível e impuro* dos universais (*Ibid*: 75-99), ainda aproveitando as vantagens de um pensamento que valoriza a necessidade de algum tipo de referente para avaliar e comparar, mas também aceitando as críticas do pensamento pós-fundamento, sem descartar os universais de vez.

Esse diagnóstico da realidade social e política contemporânea cobra particular relevância quando confrontado com a análise dos zapatistas, que podemos sintetizar nas seguintes teses, segundo o SCI Marcos (1997):

A globalização neoliberal deve se entender como uma nova guerra de conquista de territórios após o fim da dita Guerra *Fria*, que deve ser entendida como a *III Guerra mundial*, pois entre 1945 e 1992 aconteceram guerras no mundo, que deixaram milhões de mortos. O grande vitorioso dessa guerra não foi um país, mas o capitalismo. Essa guerra provocou uma redefinição das relações internacionais, as que agora se estruturam numa nova luta por mercados e territórios, dando lugar à *IV Guerra Mundial* (IV GM), deflagrada entre os grandes centros financeiros, com cenários totais e com intensidade aguda e constante.

Isso significa que a mundialização da nova guerra não é mais do que a mundialização da lógica dos mercados financeiros. Os Estados nacionais (e seus governantes) passaram a ser regidos, ou tele-dirigidos pelo fundamento do poder financeiro: o livre-câmbio comercial, e ficam, assim, destruídas todas as falácias discursivas da ideologia capitalista, pois na nova ordem não há democracia, nem liberdade, nem igualdade, nem fraternidade.

Na IV GM a dominação é exercida, principalmente, pelos mecanismos econômico-financeiros, que se caracterizam por destruir a polis (no caso, a nação) e impor morte, terror e miséria a quem a habita, mas destrói seletivamente e, além disso, refaz, reorganiza e reordena o que ataca como uma peça dentro do quebra-cabeça da globalização econômica, como um novo *bairro* incorporado a alguma das *mega-polis* comerciais do novo hipermercado mundial.

Como fruto dessa guerra, a realidade está quebrada em pedaços, e pelo menos são sete as peças as que compõem o quebra-cabeça do mundo neoliberal, elas são:

“[...] 1) a dupla acumulação, de riqueza e de pobreza, 2) a exploração total da totalidade do mundo, 3) o pesadelo de uma parte da humanidade que vaga errante, 4) a nojenta relação entre a criminalidade e o Poder, 5) a violência de Estado, 6) o mistério da mega-política, 7) o multiforme nicho de resistência da humanidade contra o neoliberalismo” (*Ibid*).

Por trás desse tom irônico e incisivo podemos apreciar uma crítica que problematiza o próprio presente e explicita as orientações políticas e éticas da globalização neoliberal desde a particular perspectiva dos Zapatistas.

Como percebemos, as palavras do SCI Marcos, como porta-voz d@s zapatistas, têm um nítido caráter político-estratégico, procurando efeitos retóricos, mas não só, pois o SCI Marcos entra na disputa pelos sentidos e os significados das palavras, enfrentando o *establishment* e a intelectualidade *oficial*. Suas declarações, se entendermos junto a Foucault, se inscrevem dentro de *jogos de verdade*, dentro das redes de saberes não *substanciais*, pois seria errado assumi-los como saberes com valor fixo (Foucault, 1990b: 48), mesmo que essa *verdade evidente* seja a que se impõe há mais de quinhentos anos na América latina.

A luta zapatista evidencia o caráter agônico dessa disputa, no mesmo sentido em que Foucault o frisava, quando inverte o aforismo de Clausewitz e formula o que ele chama de *hipótese de Nietzsche* para entender a natureza do poder a partir da chave da *guerra* (Foucault, 1999: 22-4). Nessa luta, @s zapatistas assumem a tarefa de “mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que elas se sentem, que as pessoas aceitam como verdade, como evidências certos e determinados temas que foram construídos em determinados momentos da história e que essa pretensa evidência pode se criticar e se destruir” (Donda, 2002: 1)

Então, os discursos, especialmente os da política, se destinam a produzir efeitos de verdade, que são efeitos de poder. E parece que o agir d@s zapatistas confirma isso e, como Foucault afirma (concordando com Nietzsche), eles se dispõem a tomar uma das espadas, também chamada *instinto*, para chocá-la com a outra (a que impera faz quinhentos anos), para fazer aparecer a faísca e *inventar* o conhecimento e, junto a ele, criar isso que chamamos de *verdade* (Foucault, 1990a: 19-20; Nietzsche, 1990: 19-32).

A esse respeito, @s zapatistas “de cara a essa política global do poder, oferecem respostas locais” (Foucault, 1992a: 89). E aqui cabe frisar o papel do SCI Marcos, exercendo sua função de intelectual, enquanto porta-voz do EZLN, fazendo dela uma trincheira, talvez, a principal trincheira de luta, debatendo sobre qual deveria ser a função de um intelectual, entendendo que esse profissional é quem:

“[...] analisa o evidente, o afirmativo e o negativo, buscando o ambíguo, o que não é nem uma coisa nem a outra, e exhibe (comunica, desvela, denuncia) o que não só não é o evidente, mas também o que contradiz o evidente [...] o intelectual opta, escolhe entre sua função intelectual e a função que lhe propõem os atores sociais” (Marcos, 2000, II).

Assim, os objetivos de luta, definidos pel@s Zapatistas são os seguintes: já não permitir que os tratem pior que animais. Exigem democracia, a liberdade e a justiça para todos

os mexicanos, embora concentrem sua atenção nos povos índios. Eles lutam pela situação em que eles se encontram, mas também junto a todos aqueles que são pessoas humildes e simples e que têm grande necessidade e sofrem a exploração e os roubos dos ricos e os seus maus governos. Após tanta exploração e maus tratos, se organizaram para se defender e para lutar pela justiça (CCRI-EZLN, 2005).

Como vemos, um dos elementos mais significativos e evidentes dessa posição ética é a vontade de universabilidade não só do discurso, como da luta toda. Também apreciamos uma explícita denúncia e uma oposição d@s zapatistas às políticas de genocídio, que são segundo Foucault (1995), o “sonho dos poderes modernos”, que o governo e a elite dos poderosos impõem aos indígenas, e não só a eles. Como diz o filósofo, “o princípio de poder matar para poder viver, que justificava a tática dos combates, se tornou princípio de estratégia entre Estados; mas as amarras já não são aquelas, jurídicas, as da soberania, mas, sim, as puramente biológicas de uma população.” (*Ibid*: 166) A atitude d@s zapatistas é a de dizer *Já chega!* a essa sujeição na qual, por um lado, são sugadas todas suas forças, são domesticad@s, docilizad@s, integrad@s em sistemas de controle eficazes e econômicos, para serem o mais úteis e rentáveis possível.

Aqui parece que faz sentido aquilo que Foucault pensava sobre as relações de poder e a possibilidade de resistência, quando afirmava que:

“[...] o poder está *sempre aí*, nunca estamos *fora* dele, não há *margens* para as cabriolas dos que se situam em ruptura com ele. Mas, isso não significa que seja necessário admitir uma forma de dominação, impossível de abranger, ou uma espécie de privilégio absoluto da lei. [...] Que não existem relações de poder sem resistências, que essas são mais reais e mais eficazes quando se formam aí mesmo, onde as relações de poder são exercidas” (Foucault, 1992c: 180-1).

Essa possibilidade de *resistência* é manifestada quando contestam à maneira em que el@s são tratados, são “administrados”, pelo simples fato de serem indígenas, pobres e miseráveis. Isto é, recusam que seus corpos sejam considerados e administrados como máquinas, como também não aceitam que as populações indígenas sejam submetidas a certos e determinados mecanismos de controle e regulação. Como vemos, os conceitos de *anatomo-política dos corpos* e *biopolítica das populações* que Foucault propõe, podem ser pertinentes, para analisar este *biopoder* que sujeita os corpos e controla as populações, na perspectiva de fazer viver e deixar morrer (Foucault, 1995: 166-9; 1999: 287).

Nesse sentido, Pál Pelbart nos lembra do raciocínio de Agambem, quando afirma que “a vida é reduzida ao contorno de uma mera silhueta”, então, aí aparece a *perversão* de um poder que não elimina o corpo, mas o mantém numa zona intermediária entre a vida e a

morte, entre o humano e o inumano: o “sobrevivente”. Assim, “o biopoder contemporâneo, reduz a vida à sobrevivência biológica” (Pál Pelbart, 2008: 3).

Entendo que a proposta sócio-política dos Zapatistas pode ser uma resistência, exatamente nesse sentido. Segundo Pál Pelbart (2008: 1), isso teria acontecido porque o poder *tomou por assalto* a vida. Isto é, o poder penetrou todas as esferas da existência, e as mobilizou inteiramente, pondo-as para trabalhar. Afetividade, psiquismo, inteligência, imaginação, criatividade, tudo isso foi *violado, invadido, colonizado*, quando não diretamente expropriado pelos poderes. Os mecanismos diversos pelos quais tais poderes se exercem são anônimos, esparramados, flexíveis, rizomáticos e a vida parece integralmente subsumida a tais mecanismos de *modulação da existência*, pois o poder já não se exerce desde fora, nem de cima, mas como que por dentro, isto é, trata-se de um *poder imanente, produtivo*. Esse *biopoder* tem por fim se encarregar da vida, a intensifica, a otimiza.

Como vemos, esse tipo de problemática sugere vários conceitos que poderiam ser de utilidade, mas dentro desta perspectiva teórica contemporânea serão dois deles o eixo do presente trabalho, a saber, *biopolítica* e *resistência*. Nessa pesquisa, também seguiremos as orientações de outros pensadores, que entendem que “a resistência pode situar-se no próprio objeto do biopoder, a vida. O poder da vida nos permite perguntar em que medida é possível pensar uma pedagogia no sentido de promover um determinado tipo de formação intelectual e moral, sem que se constitua em um novo *nomos*” (Assmann *et al*, 2007: 23).

Segundo Assmann (*et al*), existe a possibilidade de um poder *da* vida, também chamado de *potência*, capaz de resistir àquele poder “sobre” a vida, que Foucault chamou de *biopoder*. Essa possibilidade se sustenta na “aposta na capacidade criativa do ser humano. Neste sentido, mesmo ainda existindo o poder sobre a vida [...] existe uma compreensão do humano que enfatiza o poder da vida.” (*Ibid*: 21) Nessa direção, Pál Pelbart (2008: 2) sugere que quando parece que a própria vida está dominada, submetida, controlada, se insinua uma *reviravolta*, pois nesse mesmo processo de expropriação ela revela sua potência indomável. Assim, afirma que ao *poder sobre a vida* responde a *potência da vida*, ao *biopoder* responde a *biopotência*, mas que essa resposta não se refere a uma reação, pois o que se constata é que tal potência de vida *já* estava lá desde o início. A vida aparece como *reservatório de sentido*, manancial de *formas de existência*, que extrapolam estruturas de comando e os cálculos dos poderes constituídos.

Se analisarmos o Zapatismo desde essa perspectiva, desde seu conteúdo ético-político-estético e sociológico, também é um exemplo do que Foucault denomina como *arte da vida* a partir de uma *estética da existência*. Assim, usando suas palavras, entendo o Zapatismo como:

“[...] um esforço para afirmar a própria liberdade e dar a sua própria vida uma certa *forma* na qual pode se reconhecer e ser reconhecido por outros e onde a posteridade mesma poderá encontrar como exemplo. Esta elaboração da própria *vida* como uma *obra de arte pessoal* [...] a ideia de uma moral como obediência a um código de regras está, no presente, em processo de desaparecimento; já desapareceu. E a essa ausência de moral, responde, deve responder, uma busca de uma *estética da existência*” (Foucault, 1984: 2). Grifos nossos.

Como pode se observar, a nossa preocupação fundamental é a *liberdade*, modulada pela autodescrição-atitude da *dignidade rebelde*, que implica, segundo entendemos, a *resistência* de numa *biopotência*, que se propõe numa *estética da existência*, na construção da *autonomia*, dentro de um campo de análise, que é um conjunto de práticas situadas de modo concreto dentro da história. Mas, junto a Foucault, entendemos essa *liberdade* como *condição de existência*, e não como mera condição de possibilidade, como Kant a pensava.

Assim, entendemos que esse instrumental teórico, apenas sucinta e esquematicamente apresentado, pode nos subsidiar para conhecer melhor e entender o conteúdo sócio-político-estético da proposta zapatista, que envolve deliberadamente a sociedade civil para construir sua autonomia, entendida como estética da existência, ancorada em políticas culturais que vão além da institucionalização da vida, que el@s caracterizam como dignidade rebelde.

Metodologia proposta

O modelo adotado para o estudo, as indagações e análise propõe ir do particular para o geral. Isto é, a partir do estudo da realidade concreta e particular designada pel@s própri@s zapatistas mediante os conceitos de *dignidade* e *rebeldia*, visar à possibilidade de enunciar o conteúdo de natureza universalizável que essa particular realidade possua para a compreensão e análise das dimensões política, ética, sociológica e estética de outros movimentos sociais. A pesquisa será realizada numa perspectiva qualitativa, dividida em três momentos: a) pesquisa teórico-bibliográfica; b) pesquisa de campo; c) análise de dados.

Procedimentos metodológicos

O primeiro momento (já em andamento desde o início do doutorado) consiste no levantamento de bibliografia para uma investigação de ideias, noções e conceitos que permitam entender o aspecto recortado do fenômeno do Zapatismo, visando confrontar diversas posições de vários autores, fundamentalmente Foucault (e outros nessa linha), Gramsci (e outros nessa linha) e intelectuais que estudem desde categorias autóctones latino-americanas pontualmente o fenômeno do Zapatismo (SCI Marcos, entre um deles), para

descrever as relações políticas, sociais e estéticas do EZLN-FZLN, procurando dar fundamentação a esta tese.

O segundo momento consistiu numa breve estadia no México em outubro-novembro de 2011, com a intenção de estabelecer um primeiro contato exploratório com instituições e pesquisadores/as para me aproximar de maneira mais concreta à definição do campo da pesquisa. Isto aconteceu em Cidade do México, cidade de Toluca e na cidade de San Cristobal de las Casas (Chiapas), oportunidade na qual pude realizar algumas atividades¹⁰, que me permitiram redefinir as possibilidades reais de exequibilidade desta pesquisa, portanto, de melhor definição do foco da mesma.

Sinteticamente, das informações levantadas a partir desses contatos concluímos, preliminarmente o seguinte:

- O acesso às comunidades é muito mais difícil do que pensávamos inicialmente, pela demora em obter permissão para ingressar (caso haja) e pelas grandes restrições de acesso, devido à política de segurança e autoproteção do estado de *guerra de baixa intensidade* mantido pelo exército federal e pela intensa atividade de forças paramilitares.
- As possibilidades de convívio e de exercício de observação participante, avaliamos serem inexequíveis ou, caso sejam possíveis, serão restritas a espaços e atividades possivelmente sem relevância para esta pesquisa.
- A partir dessa constatação, avaliamos como inexequível a aplicação de técnicas como: a) questionário aberto ao público-alvo, que seriam: membros da Comandância Geral do CCRI-EZLN, autoridades das Juntas de Bom Governo e habitantes dos municípios autônomos integrantes dos Caracoles; b) coleta de documentos, tais como atas de reuniões de ditas Juntas; c) observação-participante em reuniões de instâncias de decisão política, para observar a dinâmica das práticas dos Zapatistas.
- Privilegiar outro tipo de fontes, como centros de pesquisa e solidariedade política com @s zapatistas, que disponibilizem tanto documentação e trabalhos de pesquisa já desenvolvidos, como também a possibilidade de contato com informantes chave, que seriam pessoas que tiveram ou têm algum contato próximo com as comunidades, que possam ajudar nos objetivos de: a) levantamento de dados; b) conhecer e entender a percepção política de diferentes atores do movimento; c) analisar as pautas políticas

¹⁰ Entre elas, obtive a confirmação do Prof. Dr. Benjamín Mauricio Arditi Karlik (Prof. na Faculdade de Ciências Políticas e Sociais, UNAM), para ser meu co-orientador de tese no exterior. Também pude visitar e conhecer o Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS), San Cristobal de las Casas, no qual a Prof^a. Dra. Xóchitl Leyva Solano ofereceu seu apoio acadêmico-institucional me convidando a ser pesquisador visitante no CIESAS.

Análise dos dados obtidos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Elaboração de artigos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Apresentação da pesquisa em eventos	X						X					
Elaboração de versão para qualificação												X
Preparação para DO sanduíche							X	X	X	X	X	X
Ano III – 2012												
Atividades	Meses											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Qualificação da tese			X									
Leitura e fichamento de bibliografia	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Preparação SWE		X	X	X	X							
Período possível de concessão e início da SWE										X	X	X
Contato com fontes e coleta de dados no México	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Elaboração de artigos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Análise dos dados obtidos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Ano IV – 2013												
Atividades	Meses											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Contato com fontes e coleta de dados no México	X	X	X	X	X							
Período de viagem ao México	X											
Participação de eventos acadêmicos	X	X	X	X	X							
Escrita da tese	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Período de Retorno ao Brasil						X						X
Ano IV – 2014												
Atividades	Meses											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Defesa			X									

Obs.: As atividades aqui propostas e sua seqüência poderão ser modificadas parcial ou completamente a partir da avaliação conjunta do(s) orientador(es), que será solicitada pelo candidato na primeira reunião de orientação.

6. Resultados esperados

Oferecer resultados de uma pesquisa interdisciplinar que contribua, fundamentalmente nas áreas de filosofia política, ética, sociologia política e estética, sobretudo, visando à possibilidade de explicitar e difundir novos sinais de construção dessas relações numa perspectiva emancipatória. A pesquisa possivelmente permita:

- Compreender melhor se esta perspectiva de entendimento e ação d@s Zapatistas faz efetivamente uma crítica teórica e prática aos princípios da *Realpolitik*, ou seja, à *arte do possível*, entendida como pretensa renúncia a qualquer ideologia e só aceitando aquilo pragmaticamente possível de ser realizado.
- Aprofunda o entendimento de estratégias organização e ação políticas com bases em métodos e procedimentos que visem efetivar práticas democráticas *autônomas*.
- Conhecer uma construção de sociedade civil a partir de estratégias como *A Outra Campanha*, reconhecendo sua *dimensão estética*, entendendo que há ações de *criação política* para o efetivo exercício e institucionalização de uma política emancipatória.

Bibliografía

- ARDITI, B.: *La política en los bordes del liberalismo. Diferencia, populismo, revolución, emancipación*, Ed. Gedisa, México, **2009**.
- ASSMANN, S; PICH, S.; GOMES, I.; VAZ, A.: “Corpo e biopolítica: poder sobre a vida e poder da vida”, In: Revista *Temas & Matizes*. Nº 11, Dossiê Biopolítica, **2007/01**. Consultado em: e-revista.unioeste.br/index.php/temasmatizes/article/download/.../1874.
- BORON, A.: “Los nuevos leviantes y la polis democrática”, In: BORON, A. *Tras el búho de Minerva*, CLACSO-FCE, Buenos Aires, **2000a**.
- BORON, A.: “Los dilemas de la modernización y los sujetos de la democracia”, In: BORON, A. *Tras el búho de Minerva*, CLACSO-FCE, Buenos Aires, **2000b**.
- BORON, A.: “Quince años después: democracia e injusticia en la historia reciente de América Latina”, In: BORON, A. *Tras el búho de Minerva*, CLACSO-FCE, Buenos Aires, **2000c**.
- CCRI-EZLN: “Segunda Declaración de la Selva Lacandona”, 10 de junho de **1994**. Consultado em: <http://palabra.ezln.org.mx/declaraciones>.
- _____ : “Sexta Declaración de la Selva Lacandona”, junho de **2005**. Consultado em: <http://palabra.ezln.org.mx/>.
- DONDA, M.C.S.: “Sujeto, Instituciones y Poder Político” (material elaborado pela docente para um curso de pós-graduação), Facultad de Filosofía y Humanidades-Universidad Nacional de Córdoba, **2002/01**.
- EZLN - Comandância Geral: “Declaración de la Selva Lacandona”, (a primeira delas), dez. de **1993**. Consultado em: <http://palabra.ezln.org.mx/declaraciones>.
- FARHI NETO, L.: *Biopolítica em Foucault*, Introdução, UFSC **2007**. Consultado em: www.tede.ufsc.br/teses/PFIL0074-D.pdf.
- FOUCAULT, M.: “Uma estética da existência. Entrevista com Michel Foucault”, In: *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 730-735. Tradução: Wanderson F. Nascimento <Une esthétique de l'existence> (entretien avec A. Fontana), Le monde, 15-16 juillet **1984**, p. XI. Consultado em: www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/esthetique.html; também em: <http://dc149.4shared.com/doc/a8w9icRD/preview.html>.
- _____ : *La verdad y las formas jurídicas*, Ed. Gedisa, México, **1990a**.
- _____ : “Tecnologías del yo”, In: *Tecnologías del yo y otros textos afines*, Eds. Paidós, Barcelona, **1990b**.
- _____ : “Verdad individuo y poder”, In: *Tecnologías del yo y otros textos afines*, Eds. Paidós, Barcelona, **1990c**.
- _____ : “Los Intelectuales y el poder. Entrevistas Michel Foucault – Gil deleuze”, In: *Microfísica del poder*, Ed. La Piqueta, Madrid, **1992a**.
- _____ : “Las relaciones de poder penetran los cuerpos”, In: *Microfísica del poder*, Ed. La Piqueta, Madrid, **1992b**.
- _____ : “Poderes y estrategias”, In: *Microfísica del poder*, Ed. La Piqueta, Madrid, **1992c**.
- _____ : “Verdad y poder”, In: *Microfísica del poder*, Ed. La Piqueta, Madrid, **1992d**.

- _____ : *Historia de la sexualidad I*, Ed. Siglo XXI, México, **1995**.
- _____ : *Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976)*, Ed. Martins Fontes, SP, **1999**.
- GADEA CASTRO, C. A.; WARREN, I.: *O ideal comunitário como resistência à modernidade-global. Um estudo sobre o movimento Neo-Zapatista de Chiapas* (dissertação), UFSC-PPGSP, Florianópolis, **1999**.
- KRISCHKE, P. J. D.: “Interfaces Temáticas: Origens e Diferenças”, in RIAL, Carmen *et al* (Orgs.). *A Aventura Interdisciplinar*, Blumenau: Ed. Nova Letra, 2010.
- LAZZARATO, M.: “Del biopoder a la biopolítica”, março de **2000**, Revista *Multitudes* N° 1, Paris. Consultado em: www.sindominio.net/arkitzean/otrascosas/lazzarato.htm.
- _____ : “Para uma definição do conceito de bio-política”, 10.9.2003. Consultado em: www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/09/262958.shtml.
- MARCOS, SCI: “7 piezas sueltas del rompecabezas mundial”, junho de **1997**. Consultado em: <http://palabra.ezln.org.mx/>.
- _____ : “El liberalismo es la crisis misma hecha teoría y doctrina”, 17.3.1995, In: *Cartas y manifiestos*, Planeta, Buenos Aires, **1998a**.
- _____ : “El neoliberalismo, caótica teoría del caos económico”, 20.7.1995, In: *Cartas y manifiestos*, Planeta, Buenos Aires, **1998b**.
- _____ : “Oximoron”, abril de **2000**. Consultado em: <http://palabra.ezln.org.mx/>.
- NIETZSCHE, F.: “Sobre verdad y mentira em sentido extra moral”, In: *Sobre verdad y mentira*, Ed. Tecnos, Madrid, **1990**.
- _____ : *El nacimiento de la tragedia: Grecia y el pesimismo*, Ed. Alianza, Buenos Aires, **1995**.
- _____ : *La genealogia de la moral*, Ed. Alianza, Madrid, **1986**.
- PAL PELBART, P.: “Vida e morte em contexto de dominação biopolítica”, conferência, IEA-USP, 03.10.2008. Consultado em: www.iea.usp.br/iea/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf.